



4757 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT12 - Currículo

CAMINHANDO, PENSANDO, CRIANDO COM OS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS E AS REDES EDUCATIVAS
Claudia Chagas - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Alessandra da Costa Barbosa Nunes Caldas - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Maria Cecília Sousa de Castro - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes - Cnpq

Caminhando, pensando, criando com os movimentos migratórios e as redes educativas.

*Os centers shoppings superlotados
De retirantes refugiados*

Tribalistas

RESUMO

Este trabalho, pretende discutir acerca das práticas curriculares cotidianas relacionadas as questões dos movimentos migratórios. Neste recorte, temos como objetivo analisar os *usos dos artefatos culturais*, em especial, postais que trazem narrativas a partir de imagens sobre as experiências vividas pelos *'praticantespensantes'* e migrantes de diferentes e diversos *'espaçostempos'*.

PALAVRAS-CHAVE: currículos, artefatos culturais, movimentos migratórios

A história da humanidade foi/é marcada por travessias. Nossos antepassados mais fortemente, tinham como característica o nomadismo. Essa prática justifica-se pela necessidade de sobrevivência às dificuldades apresentadas por diferentes fatores, seja ambiental ou social.

Entretanto, com o passar dos tempos outros desafios, como a violação de direitos humanos, garantidos inclusive por acordos internacionais desde a Segunda Guerra Mundial, possibilitam que as migrações sejam reconhecidas a favor da manutenção da vida, segurança e liberdade.

De acordo com o relatório da Organização Internacional para as migrações, o Brasil aumentou em 20% sua população de migrantes de 2010 a 2015. Este dado se reflete através de inúmeras reportagens divulgadas pelas mídias sobre a vinda de haitianos e venezuelanos para o Brasil^[1].

Menezes e Reis (2013), analisam documentos de organismos internacionais que abordam a discussão sobre a garantia dos direitos humanos, mais especificamente o direito de crianças e adolescentes. Estes documentos compreendem a necessidade de assegurar o acesso à saúde e educação. Neste sentido, nos propomos a discutir a questão de um desses direitos: a educação.

Apesar de apresentarmos esses dados, nossa pesquisa não se restringe aos refugiados, tão amplamente apresentados nas mídias atualmente. Nosso foco de interesse está nos movimentos migratórios. Nas experiências de deslocamento feitas por inúmeros e diferentes sujeitos ao longo dos tempos. Muitas são as justificativas desses deslocamentos. Nossas ancestralidades são as evidências desses movimentos. Fomos e somos constituídos por travessias, passagens que trazem rastros, marcas e pegadas. Somos andarilhos nos *'espaçostempos'*^[2] em que nos constituímos.

Assim, acreditamos que somos constituídos a partir de inúmeras e diferentes redes de *'conhecimentossignificações'*^[3] que se dão em diversos e complexos *'espaçostempos'*. Tanto os deslocamentos geográficos, quanto as escolas, portanto, se constituem como alguns desses *'espaçostempos'*. Garantir o direito de crianças e jovens ao acesso à educação, é possibilitar que experiências de reinvenção de si e do mundo aconteçam.

Neste sentido, os currículos escolares necessitam estabelecer diálogos com estes *'praticantespensantes'*. Alves (2019), define que os currículos são

a articulação entre problemas sociais e ações e experiências desenvolvidas nas escolas, buscando compreender a multidão de seres que nisto está envolvida, numa tentativa de pensar junto EDUCAÇÃO e ENSINO, este 'entrelugar' ocupado pelos currículos oficiais e aqueles criados nos cotidianos escolares, em conjunto com as propostas a eles feitas pelos 'praticantespensantes'^[4] das diversas redes educativas.

Desta maneira, faz-se necessário problematizar como os *'praticantespensantes'* tecem os currículos com diferentes questões - dentre elas, os movimentos migratórios - nos/dos/com os cotidianos escolares a partir de múltiplas relações *'dentrofora'* destes *'espaçostempos'*.

Entendemos, em nossas pesquisas, a importância da criação de artefatos culturais que potencializem e articulem narrativas sobre as questões que surgem nos cotidianos escolares. Como estratégia para a criação destes artefatos, convidamos os integrantes do grupo de pesquisa a elaborarem postais que trouxessem histórias de vidas sobre migrações em diferentes contextos.

O uso desses artefatos nos aproxima dos estudos de fotografias como metodologia de pesquisa. Kossoy (2002) admite que por ser a fotografia uma linguagem, uma forma de expressão, não pode ser vista ou lida como se tivesse um sentido único, uma 'verdade' exposta.

Para ele, a fotografia surge como instrumento de apoio à pesquisa nos diferentes campos, além de ser também reconhecida como expressão artística. Teve sua aceitação mais acentuada a partir da década de 1860, quando gradativamente passou a ser usada para documentar o que o povo externava através dos seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos. Foi muito utilizada também para o registro das paisagens, arquitetura, obras, conflitos sociais e estudos científicos. Segundo Kossoy,

o mundo tornou-se de certa forma "familiar" após o advento da fotografia; o homem passou a ter conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica (2001: 26).

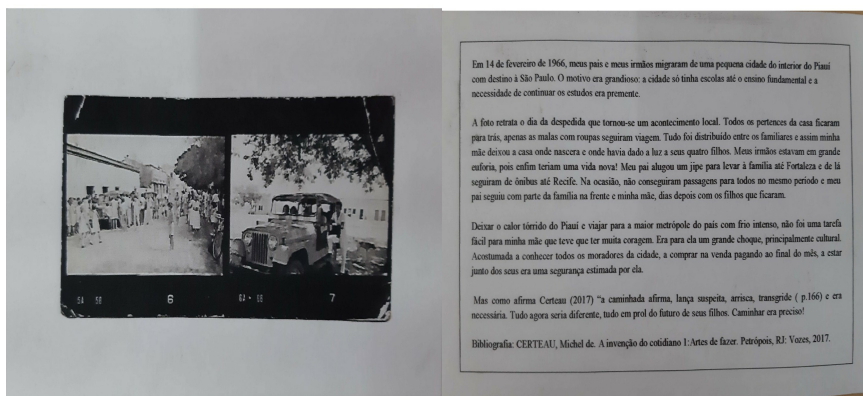
O autor defende ainda que toda fotografia tem atrás de si uma história e afirma que olhar uma fotografia do passado e refletir sobre sua trajetória é situá-la pelo menos em três etapas. Na primeira, pensar que houve a intenção, que certamente partiu do próprio fotógrafo ao perceber um motivo para fazê-lo. Consequentemente, a sua segunda etapa é o registro materializado na fotografia, e, por último, o autor fala dos caminhos percorridos por essa fotografia, fala das mãos que a tocaram, dos olhos que a apreciaram, das emoções despertadas. *Toda fotografia é um resíduo do passado (KOSSOY. 2001).*

Neste sentido, analisando os postais confeccionados pelos docentes e discentes de nosso grupo e de nossas aulas. Identificamos uma carga afetiva bastante intensa. Tanto nas imagens quanto nos textos. Nos postais escolhidos para este texto, vemos e sentimos todas as emoções que se relacionam na comemoração de um aniversário que, acreditamos ser de Dona Elza, matriarca da família Ferreira da Silva. Percebemos o cuidado em cada detalhe da foto. Gerações reunidas ao redor da mesa de uma família marcada pela superação e assim, motivos sobravam para celebrar a vida.



Cartão Postal 1

A segunda imagem traz informações bastante instigantes. O local parece ser de uma cidade pequena onde o transporte automobilístico ainda era uma raridade onde as pessoas se reuniam para ver de perto esta grande e cara tecnologia. A necessidade inclusive de registro deste meio de transporte também era essencial. Ainda hoje é costumeiro ver pessoas fotografando-se ao lado de carros luxuosos.



Cartão Postal 2

Nossa escolha em analisar essas duas imagens tem inclusive uma relação afetiva conosco. E esta relação se baseia por conta da questão espacial. Na primeira imagem, o texto do postal refere-se ao bairro de Irajá, subúrbio do Rio de Janeiro onde a família de imigrantes fincaram suas raízes e onde uma das autoras morou durante grande parte da vida. Somos também filhas de migrantes. Um de nossos pais oriundo do Maranhão e a mãe do Piauí, nos remeteu lembranças do local de onde saiu a família da segunda imagem. A saída desses pais do nordeste para a região sudeste tem relação com a busca por melhores condições de vida. Inserção no mercado de trabalho, acesso a saúde pública de melhor qualidade e recursos tecnológicos.

Cada imagem registra um assunto singular, um particular instante do tempo, e este se dá unicamente em função de um desejo, uma intenção ou uma necessidade do fotógrafo e de quem a vê. Ele vê e narra o que viu ou quis ver e pensa no seu potencial comercial, esse entendimento situa a fotografia na posição de objeto polissêmico, sujeito, portanto, a diferentes usos e compreensões. Para melhor entender a importância da fotografia, conversamos com Kossoy quando diz que

a reconstrução através da fotografia não se esgota na competente análise icnográfica. Esta é apenas a tarefa primeira do historiador que se utiliza das fontes plásticas. A reconstrução de um tema determinado do passado, através da fotografia ou de um conjunto de fotografias, requer uma sucessão de construções imaginárias. O contexto particular que resultou na materialização da fotografia, a história do momento daquelas personagens que vemos representadas, o pensamento embutido em cada um dos fragmentos fotográficos, a vida enfim do modelo referente - sua realidade interior - é, todavia, invisível ao sistema óptico da câmera. Não deixa marcas na chapa fotossensível, não pode ser revelada pela química fotográfica, nem tampouco digitalizada pelo scanner. Apenas imaginada. (2002: 133)

Para Kossoy (2001, p. 02) a fotografia constitui um tipo de documento singular e complexo, uma vez que *uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida.*

As possibilidades iconográficas, nas suas diferentes instâncias, mostram-nos não apenas o assunto retratado, mas principalmente os 'usos' que fazemos das imagens, potencializando as redes de significados e significações que constituem os '*praticantespensantes*', que são tecidas com as fotografias, valores e estudos curriculares. Essas múltiplas possibilidades de interpretação que a fotografia oferece ao historiador constituem-se em desafio para sua exploração.

E Kossoy continua

uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. (...) A informação visual do fato representado na imagem fotográfica nunca é posta em dúvida. (...) É que a fotografia gravou com fidelidade uma parcela da realidade que se situava no campo visual da objetiva. Qualquer que tenha sido a razão que levou o fotógrafo a registrar o assunto, não haverá dúvida de que o mesmo de fato existiu. (2001:102-103)

Mesmo quando falamos de uma fotografia produzida, na qual o fotógrafo busca através de cenários e 'usos' de artefatos, 'enfeitar a cena' e dar à fotografia um caráter 'real', ela nos indica as situações vividas naquele tempo, nos permitindo interpretações, pois é preciso lembrar que as imagens não dizem tudo. Sabemos que as pesquisas precisam ir mais longe. Admitimos, pois, com Kossoy que

as imagens fotográficas, entretanto, não esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (estética/ ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. (KOSSOY, 2002: 21).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, N. **PROCESSOS CURRICULARES E MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas.** Projeto de Pesquisa CNPQ, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - artes de fazer.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1994

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** 2ª ed. Ver. São Paulo: Ateliê Cultural, 2001.

_____. **Realidades e ficções na Trama Fotográfica.** 3ª ed. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002.

MENEZES, Thais Silva e REIS, Rossana Rocha. **Direitos humanos e refúgio: uma análise sobre o momento pós-determinação do status de refugiado.** *Revista Brasileira de Política Internacional.* Brasília: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais (IBRI), 2013, vol 56 (1): 144-162.

[1] <https://nacoesunidas.org/populacao-de-migrantes-no-brasil-aumentou-20-no-periodo-2010-2015-revela-agencia-da-onu/>

[2] O desenvolvimento das pesquisas, nos/dos/com os cotidianos, nos fez compreender que as dicotomias herdadas do modo de construção do pensamento na Modernidade significavam limites ao que precisávamos tecer quanto aos pensamentos necessários às redes educativas que estudávamos. Por esse motivo, adotamos essa forma de escrever os termos antes dicotomizados: juntando-os, grafando-os em itálico, entre aspas simples, pluralizando-os com frequência e, algumas vezes, invertendo o modo como escutamos serem ditos e escritos (ex *prácticateoria* em lugar de teoria-prática; *aprendizageminsino* e não ensino-aprendizagem; *dentrofora* das escolas etc).

[3] Ao criar estes termos, assim reunidos, Oliveira (2012), partindo do pensamento de Certeau (2012) que os chama "praticantes", vai além dele, mantendo-se coerente com o pensamento deste autor que os vê criando '*conhecimentossignificações*' permanentemente.